

1934



# DO PORTO, CAPITAL DO NORTE

**A industria metalurgica. — O engenheiro sr. Mario Borges confia-nos, sobre ela, as suas valiosas impressões. — O que a pratica observa e os interesses indistriais ordenam**

Haviamos já, por duas vezes, tentado encontrar o illustre director da Companhia Industrial de Fundição, com quem, pelo telefone e por intermedio de pessoa amiga, estabelecemos relações num dos ultimos dias. Foram duas tentativas inuteis visto que não nos foi possivel encontrá-lo. Mas não desanimámos com esta arrelia. Os afazeres, que nos roubam o tempo, alguma vez haviam de permitir o encontro desejado para podermos satisfazer a nossa intenção.

Este acontecimento deu-se hoje, quando lhe conseguimos falar, na sede daquela companhia, situada ao fundo da rua de S. João, vulgarmente conhecida pelo nome de Rua dos «Bacalhoeiros». Não está assim mal o apelido, porque, de facto, aquela arteria, uma das mais antigas e comerciais do velho burgo «tripeiro», é e foi sempre o centro do comercio do «fiel amigo». E daí resultou o epíteto, que o vulgo, muito espontaneamente, ha já seculos, lhe soube aplicar, sem desonra alguma para os seus habitantes.

Nota-se ali, nas horas de trabalho dos dias uteis, uma barafunda incessante, agitada pelo genio impulsivo da tarefa de compra e venda, em que os carregadores se arrastam, servindo de burros de carga, enquanto os homens de negocios consomem o juizo a pensar nas origens dos «ganhos e perdas»...

Ao chegarmos ao alto dessa rua, onde ela forma angulo com a Mousinho da Silveira, olhámos dali esse espectáculo de trabalho curioso, patenteado, então, aos olhos dos transeuntes, no descer daquela calçada de pedras gastas até á margem direita do Douro.

Carros de bois, «camionettes», e outros meios de transporte, dificultam a passagem, uns, andando vãos ou carregados de sacos e caixotes, cheios de mercadorias, e outros, parados ainda, a serem carregados pelo esforço brutal de pobres homens, que, dum «vaim» apressado, nos obrigam a desviar, bastantes vezes, do trajecto, que encetámos pelo lado de menos movimento dessa azafama impertinente. E demos por bem empregado o tempo gasto a vencer estes pequenos obstáculos, quando tivemos a certeza que podiamos registar, hoje, nestas columnas, as afirmações interessantes do sr. engenheiro Mario Borges, visto que ele, apesar de novo, conhece como poucos, os progressos e as dificuldades em que no nosso País se está desenvolvendo a industria de metalurgica, á qual dedica o melhor da sua actividade. E, como era este o ramo industrial, que haviamos escolhido para ser tratado na 2.ª entrevista da serie, cuja publicação aqui iniciámos, a escolha do entrevistado foi, portanto, boa; pode dizer-se ótima.

Do que o sr. engenheiro Mario Borges nos disse, apráz-nos registar as seguintes passagens:

— A industria metalurgica tem feito

muitos progressos em Portugal? — interrogámos.

— E' uma pergunta que interessa a todos, mas mais a quem a procura defender e engrandecer.

«Eu lhe digo. Pelas instalações existentes no País, nota-se que a industria metalurgica ainda se não adaptou bem á epoca. Elas são de molde—e registese com agrado—a demonstrar que houve uma fase de certa actividade industrial e que a mesma procurou satisfazer as necessidades da industria e da agricultura de então, produzindo o que de urgente se tornava ao trabalho normal dos centros fabris e á satisfação das pequenas exigencias da lavoura.

«No Norte do País, a actividade industrial é grande e a lavoura exige tambem uma apreciavel applicação de material agricola e isto não admira,



Eng. Mario Borges

da-da a natureza e riqueza dos terrenos, e tendo em atenção a sua propria demografia.

«A industria e a agricultura foram desenvolvendo-se e assim foram criando necessidades correlativas e todas as fabricas e oficinas metalurgicas que para elas trabalham.

«Por espirito de aperfeiçoamento e por exigencias da epoca, foram acompanhando, em parte, o progresso. Criaram-se novas fabricas, aperfeiçoaram-se certas instalações e, dando largas ás suas capacidades de produção, começaram a produzir melhor e artigos que até então se importavam.

«E' claro que quando digo produzem melhor não quero dizer que isto nos baste. Ainda é pouco o que se tem feito.

— Então V. ainda prevê que a industria metalurgica se desenvolva?

— Sem duvida, mas para tal acontecer é necessario trabalho difficil, é certo, mas viavel.

«E' preciso ordem na produção e protecção á classe. Digo ordem na produção referindo-me ao trabalho desorientado em que actualmente se debate a industria metalurgica e, diga se

em abono da verdade, por culpa dos proprios industriais. Digo protecção á classe porque á sombra dessa falta de visão e de unidade de vistas, tem a industria metalurgica ajudado a criar industrias congéneres dentro de determinados centros fabris, que exploram outros ramos industriais, bem diferentes, e que estabelecem não só concorrência como vida difficil a quem legalmente tem direito a trabalhar dentro do ramo metalurgico.

E, continuando...

«Tem-se desenvolvido de facto a industria metalurgica do País mas muito mais poderia ter feito e muito precisa ainda de fazer se se procurar atenuar as dificuldades criadas pela desorientação em que se debate.

«Foi já uma afirmação de valor o que se viu na Exposição Industrial Portuguesa e do que ali se regista presentemente é de muito interesse para o País e Colonias.

— Considera a industria metalurgica mais desenvolvida no Norte do que no Sul? — continuámos a interrogar.

— E' difficil responder-se a uma pergunta dessa natureza. A industria metalurgica do País está espalhada pelo Norte, Centro e Sul e não devem andar muito longe de 120 as fabricas que trabalham o ferro e outros metais. Umás dedicam-se propriamente á fundição, mas as de maior importancia applicam-se na construção de maquinas industriais e agricolas e ao material agricola destinado á metropole e ás colonias.

«E' tal a diversidade de especialização—e até mesmo chamemos-lhe confusão—que não podemos dar a supremacia nem ao Norte nem ao Centro ou Sul do País. Todos trabalham quanto podem neste ramo e todos têm os mesmos mercados e isso me leva a crer de que se sentem habilitados a estabelecer uma concorrência, por vezes prejudicial, até mesmo a quem compra.

— Admite a possibilidade de a industria metalurgica, num futuro mais ou menos proximo, acompanhar os progressos das suas congéneres estrangeiras? — inquirimos mais uma vez.

Admito. Defendo mesmo essa ideia, sendo para isso sufficiente estudar o que nos convem acompanhar e executar com ordem na produção. Já se leoantou essa ideia, que partiu dos Industriais metalurgicos do Norte, os quais, para tal fim, se reuniram, tendo mesmo a entado cmcertas bases que, por serem necessariamente discutíveis, necessitam da colaboração de todos os que trabalham, nesta industria, de Norte a Sul do País. Temos que confiar nesse estudo e na protecção do Estado, que, deve olhar, com justificade interesse, para todas as formas da actividade industrial portuguesa.

— Que julga mais indispensavel para esse fim?

— Além do que expuz, é indispensável adaptar as nossas escolas técnicas

de ensino médio ao trabalho nas oficinas para que nós, os industriais, não nos tenhamos de valer, no geral, sómente da esplendida adaptação do nosso operario ao fabrico, porque isso por vezes prejudica e obriga a recompensar esse trabalho com pouca firmeza, quando é certo que se amanhã poder-mos alear, a essa facultade, uma outra, filha duma certa cultura tecnica, por onde se possa avaliar melhor a actividade de cada um, necessariamente que o indice de fabricação se tornará mais economico e melhor se pagará o esforço de cada operário, que passará a produzir em melhores condições.

— Qual a protecção que o Estado deve prestar a esta industria para que as iniciativas do seu aperfeiçoamento possam triunfar?

— Em materia de protecção, por parte do Estado, entendo que ela deve ser determinada por um estudo que se deve fazer pelos interessados, dada a diversidade do fabrico. Esse estudo deverá obrigar a uma analize cuidadosa por parte dos governantes e, dentro duma orientação juridica, procurar guiar a industria por um caminho, que talvez possa, de momento, não ser de imediatos resultados, mas que, com a facultade de adaptação, se deva tornar cada vez mais viavel.

Não se pode viver sem que nos procuremos rodear da defesa e para isso é preciso prever sempre essa mudança e consequentemente uma adaptação á epoca de trabalho, imposta muitas vezes, pelo exterior.

As fabricas e as oficinas produzem já, entre nós, trabalho digno de registo?

— Existem, no País, fabricas da classe metalurgica, que produzem em boas condições. São dignas de registo as que se dedicam ao ramo de maquinas destinadas á industria e á agricultura, á cutelaria, aos artigos sanitarios, para usos domesticos, etc.

O que se fabrica, no que diz respeito a maquinas industriais e agricolas, é digno de registo. Tenho apreciado o desenvolvimento que tem tido a industria metalurgica do Norte, no que já se faz sobre o ramo de maquinas de tece-lagem e de acabamento que honram a nossa industria. Não se faz melhor no estrangeiro nem em condições de preço melhores.

O Estado, os tecnicos e os industriais devem saber bem avaliar esse esforço e isso leva-me a acreditar de que, num futuro proximo, tudo se conjugue para que a industria metalurgica portuguesa se desenvolva e venha a produzir mais e melhor.

Eis a minha opinião e tudo quanto lhe posso dizer sobre este problema, que conheço atravez das experiencias da minha curta vida industrial. O pouco que sei é devido á observação da prática e são os interesses industriais que assim me ordenam que pense.

Estendendo-nos a mão com o agradecimento de havermos procurado para este fim; e o sr. eng. Mario Borges deu por terminada a entrevista.

Além da caricatura de Mario Borges - a fantasmagoria da Memória da Asserida no cabeçalho da Noticia Também e de Cruz Caldas embora com armatraz diferentes

1934